

ELEMENTOS PARA O ESTUDO DA IDADE DO BRONZE NO ALTO MINHO

(Ponta de lança do Castro da Senhora da Graça — Monção)

JOSÉ AUGUSTO MAIA MARQUES

0 — Este trabalho tem como objectivo principal um ponto da situação no que respeita ao nosso conhecimento da Idade do Bronze no Noroeste Peninsular, bem como a correcção de alguns erros em que se continua a laborar e a apresentação de alguns dados inéditos.

Não se pretende, ao menos por ora, entrar no discutido problema do chamado Bronze Atlântico nem tão pouco tentar esclarecer a hipotética falta de povoados (ou a falta de estudos?) correspondentes àquele período do passado humano (1).

É notória a falta de sínteses sobre a pré-história do Norte de Portugal, mormente no tocante à Idade do Bronze. Excepção feita à dissertação de doutoramento do Doutor Vítor de Oliveira Jorge (2) que apenas aflora, como é óbvio, o Alto Minho, dois trabalhos nos serviram de base para estas linhas: o de Savory, publicado em 1951 na Revista de Guimarães (3) e o de Philine Kalb apresentado em 1979 ao 1.º Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular (4).

Destes, o primeiro é um repositório de locais e achados do chamado Bronze Atlântico em toda a Península, enquanto o segundo, polémico mas profundo, vem pôr sérios problemas que bem merecem uma cuidada atenção por parte dos pré-historiadores portugueses.

Dado que, como atrás foi dito, é nossa intenção elaborar um ponto da situação e não apresentar conclusões sólidas, vejamos quais os principais achados da Idade do Bronze conhecidos no Alto Minho.

1 — Dos achados do Bronze na parte portuguesa do rio Minho, avultam, pelo seu número, os machados de talão. Avulsos ou incluídos em esconderijos conhece-se mais de meia centena acompanhados, ou não, por outro espólio, e que passamos a discriminar de forma sucinta (5):

1 — *Esconderijo de Carpinteira*

Bouça de Carpinteira — S. Paio — Melgaço;
5 machados de talão, duplo anel e dupla canelura;
2 com cabeço de fundição;
Com rebarbas de fundição;
Sem vestígios visíveis de uso;
Depositados nos Museus Soares dos Reis e de Belém.
Bibl.: *Portugália*, II, 1945, pg. 475.

2 — *Achados de Viçosa*

Monte da Viçosa — Roussas — Melgaço;
1 machado de alvado, uma ponta de lança;
Machado com um só anel;
Ponta de lança fragmentada na parte do alvado.
Bibl.: *Studium Generale*, IX, 1961, pgs. 94-99.

3 — *Esconderijo de Catelinha*

Catelinha — Moreira — Monção
18 machados de talão e duplo anel;
16 sem nervura central;
2 de dupla canelura;
Bibl.: *Archivo Espanol de Arqueologia*, XXI, 269-281.

4 — *Machado de Pias*

Lapa — Pias — Monção;
Talão e duplo anel;
Bibl.: *Actas do Colóq. de Est. Etnográficos*, I, 123-128.

5 — *Esconderijo da Gruta do Agrelo*

Agrelo — Cambeses — Monção.
Bibl.: *Construções Primitivas em Portugal*, Lisboa, IAC, s/d, pg. 19.

6 — *Esconderijo de Ganfei*

Gingleta — Ganfei — Valença
24 machados de talão, duplo anel e dupla canelura;
Alguns com cabeço de fundição;
Todos com rebarbas de fundição;
Gume rombo, por afiar;
Depositados nos Museus Soares dos Reis e Belém.
Bibl.: *Portugália*, II, 661.

7 — *Machado de Boivão*

Castelo da Furna — Boivão — Valença
Machado de alvado com um anel.
Depósito no Museu de Belém.
Bibl.: *Rev. de Guimarães*, LXI, 322-377.

8 — *Machado de Boriz*

(Ver parte 2 deste artigo)
Depósito no Museu Azuaga (V.N.Gaia).
Bibl.: *Portugália*, II, 117.

9 — *Sepultura da Quinta da Água Branca*

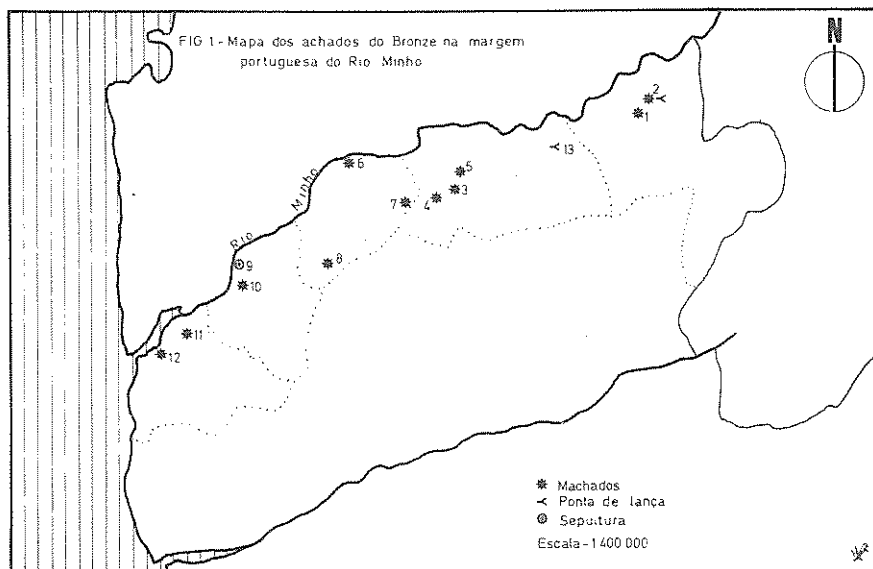
Brêa — Lovelhe — Valença;
Diadema e espirais em ouro;
Adaga em cobre;
Depósito no Museu de Belém.
Bibl.: *Portugália*, II, 241-252.

10 — *Machado de V. Nova de Cerveira*

...? ...? V. Nova de Cerveira;
Machado de talão, duplo anel e cabeço de fundição;
Depósito no Museu Martins Sarmento.
Bibl.: Savory, *op. cit.*

11 — *Esconderijo de Vilar de Mouros*

...? ...? Vilar de Mouros — Caminha;
Machados de talão com um e dois anéis;
Depósito no Museu Martins Sarmento.
Bibl.: *Rev. de Guimarães*, V, 158.



12 — Esconderijo de Caminha

...? ...? Caminha;

Machados de talão com duplo anel;

Cabeços de fundição;

Bibl.: *Archeólogo Portuguez*, VII, 103.

Desta listagem apresentada (ver fig. 1 — localização), alguns factos são de reter. Com a abundância de machados de talão (80,3%) contrasta a escassez de armas — apenas uma ponta de lança e uma adaga.

A maioria destes achados foi feita ou num castro ou em locais de contexto arqueológico. Terá isto a ver com a falta de povoados deste período?

É notável, ao contrário de outras regiões do país, a escassez de sepulturas (6) o que nos faz pensar: onde e como os fabricantes e utilizadores de tais achados sepultavam os seus mortos?

Grande parte dos machados de talão encontrados possuía a cabeça de fundição e não apresentava vestígios de uso. De pé continua pois a dúvida: Utensílios ou moeda de troca?

Não aparecem, entre os achados, foices e outros utensílios de trabalho agrícola. Porquê? Como se fazia a agricultura nas margens do Minho há cerca de 3.000 anos?

Só achados de novos objectos em condições que permitam uma sondagem e a respectiva leitura estratigráfica poderão estabelecer respostas a estas questões.

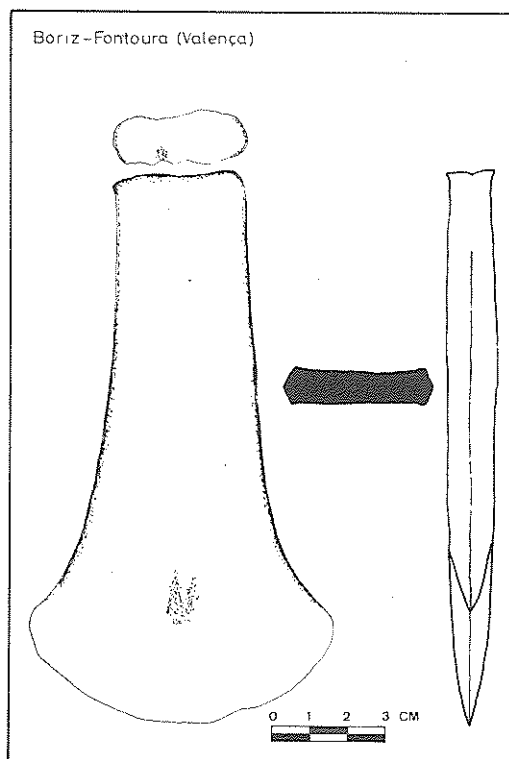
2 — No decorrer de um trabalho que se insere nas provas inerentes à Carreira Docente Universitária e que visa recolher dados respeitantes às Idades dos Metais na margem portuguesa do Rio Minho, deslocamo-nos ao Museu municipal Azuaga (V.N.Gaia) no intuito de desenharmos um machado de talão e duplo anel como o havia classificado H. N. Savory no já citado artigo da Revista de Guimarães (7). Consultado o Catálogo da Colecção Azuaga descobrimos o seu número de inventário — 302.

A peça com este número não correspondia, de forma alguma, à descrição de Savory. Esta citava, como bibliografia justificativa, um artigo de J. Fortes sobre o Museu(8). Aquele arqueólogo descrevia o machado como «chato, tipo de gume largo, espalmado em crescente». Era de facto este o aspecto do objecto que procurávamos.

Trata-se na verdade de um machado plano, de gume largo (fig.2), em forma de crescente. O gume possui vestígios de utilização (bocas). Tem secção poligonal e pátina verde muito escura. Uma das arestas foi raspada (possivelmente pelo seu achador, no intuito de verificar a matéria-prima de que era feito). Possui as seguintes dimensões:

Comprimento máximo	145 mm.
Largura máx. no gume	81 mm.
Largura na extremidade	34 mm.
Espessura máxima	14 mm.

Este tipo de machados planos é normalmente datável do Bronze Inicial — 1800/1700 a 1500 a.C. (9), e vem preencher um espaço cronológico até agora ocupado pela cista de Lovelhe (Cerveira).



De notar que o erro de Savory, motivado quiçá por um deficiente conhecimento do português, continua no artigo de Philine Kalb (10) pois esta não tomou conhecimento directo da peça. Assim se perpetuam, mesmo de boa fé, erros perfeitamente elimináveis se houvesse um verdadeiro *Ficheiro Arqueológico Nacional*, à disposição dos arqueólogos e outros estudiosos.

3 — No mês de Setembro de 1982, quando procedíamos a escavações arqueológicas no Castro da S.^a da Assunção (Barbeita — Monção), fomos procurados pelo Sr. Joaquim Salgado Paramos, do mesmo Concelho, que nos informou ter em seu poder achados vários de um monte vizinho.

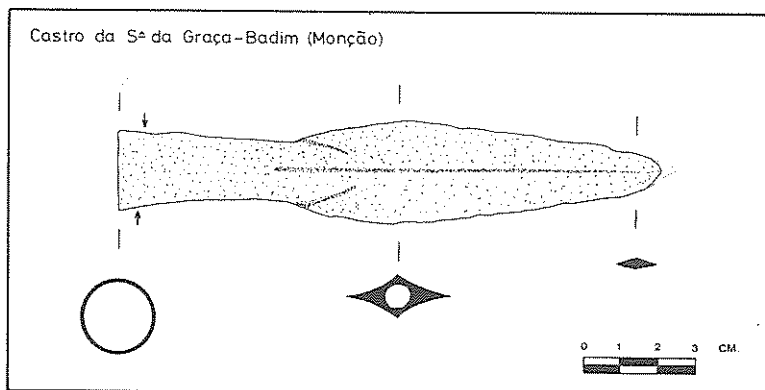
Em face dos objectos, concluímos que estes formavam dois lotes distintos; num primeiro, um pedaço de mó movente, fragmentos de cerâmica típica da chamada Cultura Castreja e bocados de escória de ferro; o segundo era, indubitavel-

mente mais atraente — um pequeno instrumento de xisto polido formando em gume, um fragmento de cerâmica de características arcaicas e uma ponta de lança em bronze. Estes objectos eram oriundos do Castro da N.^a Senhora da Graça, que se reparte pelas freguesias de Badim e Sá, do concelho de Monção. Trata-se de uma elevação de perfil acentuadamente cónico, de cota superior aos 300 metros e com as coordenadas militares de quadrícula de 181 a 566 (11). Aqui se podem observar restos de construções circulares bem conservadas e de duas ordens de muralhas. (N.º 13 na fig. 1)

Quisemos saber as condições do achado. Assim, foi-nos relatado que o objecto polido, o fragmento cerâmico arcaico e a ponta de lança foram encontrados na vertente Oeste, em locais próximos, enquanto que o restante material havia sido recolhido exactamente do lado oposto. Da deslocação ao local, onde fomos acompanhados pelo achador e pelo aluno de arqueologia Joel Mata concluímos que no lado poente não há praticamente vestígios visíveis de construções embora o declive não seja impeditivo. Será possível estabelecer relações entre a ausência de construções *em pedra* e os achados arcaizantes nesse sector, contrastando com as boas construções castrejas e os achados desta cultura no outro?

Na sequência destas interrogações dispusémo-nos a encetar pesquisas arqueológicas nesta estação iniciando, concomitantemente, o seu processo de classificação.

Problemas de vária ordem, atrasos na distribuição de subsídios e dificuldades de acesso (já em fase de resolução), não nos permitiram efectuar a sondagem autorizada no local inicialmente previsto (lado de Badim) pelo que nos concentrámos na zona mais acessível (lado de Sá) (12). No entanto é nosso desejo poder



efectuar escavações no local do aparecimento da ponta de lança pois há fundadas esperanças de estabelecer laços entre este achado e um povoamento pré-castrejo, possivelmente da Idade do Bronze. Este projecto, a executar no próximo verão, conta já como apoio da Câmara Municipal, Juntas de Freguesia e Pároco, bem como da população.

Passemos à descrição da ponta de lança (Fig. 3):

Trata-se de um objecto de bronze, muito bem conservado e com a pátina característica. Encontra-se ligeiramente fragmentado na extremidade (menos de 1 cm.), possui o alvado intacto, os orifícios para os pregos em óptimo estado e os gumes bem delineados. Tem as seguintes dimensões:

Comprimento total 145 mm. (completa 150 mm.?)

Largura máxima 25 mm.

Diâmetro máximo do alvado 19 mm.

Foi encontrada num talude a mais de 50 cm. da superfície, em posição horizontal.

Este conjunto de achados abre assim enormes perspectivas quanto ao interesse arqueológico não só deste castro como de toda a região (13).

4 — Do que se expôs no ponto 1 e do que ora se apresenta não deixa de ser curioso constatar alguns factos.

O problema de falta de povoados do Bronze Final no Alto Minho terá, quanto a nós, de ser equacionado de forma distinta. Povoados existem certamente. Só que terão, sobrepostos, os povoados posteriores da Idade do Ferro. Há que escavar mais fundo e procurar estratos pré-castrejos. Chama-se mais uma vez a atenção para a identidade ou proximidade dos achados em relação a castros ou locais de interesse arqueológico.

Quanto à questão tipologia *versus* cronologia, achamos que se trata de um falso problema. Faltam dados cronológicos absolutos, só possíveis de serem conseguidos com escavações e estratigrafias, assim como falta uma tipologia actualizada que dê importância ao que é importante, como por exemplo à distinção entre machados de face plana ou dupla ou ainda ao estudo comparado da composição mineralógica e das técnicas de fundição das peças (14).

Algumas perguntas importantes subsistem no entanto. Uma delas é a utilização dos machados — utensílio ou moeda ou qualquer outra — como já atrás referimos. É nossa opinião que só a arqueologia experimental aliada aos conhecimentos metalúrgicos poderá dar respostas interessantes. Pena é que a experimentação, tão importante e tão utilizada em países onde os estudos arqueológicos estão desenvolvidos, não seja praticada entre nós. A arqueologia é, hoje, uma ciência cada vez mais interdisciplinar e próxima das ciências exactas. É assim lícito e urgente criar entre nós uma escola de arqueologia experimental. A bem da própria Arqueologia.

NOTAS

(1) Embora estes dois temas estejam por nós a ser tratados no âmbito do respectivo projecto de investigação.

(2) Inédita. Porto, 1982.

(3) *A Idade do Bronze Atlântico no Sudoeste da Europa*, in *Revista de Guimarães*, Vol. LXI, 1951, pp. 323-377.

(4) O «*Bronze Atlântico*» em Portugal, in *Actas do I Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Vol. I, 1980, pp. 113-120.

(5) Vejam-se também os quadros anexos.

(6) Abel Viana cita, embora sem precisar a localização, a existência de «cistas» em Fiães e Roussas (Melgaço), Sá, Podame, Luzio, Mazedo e Pias (Monção), Friestas, Verdoejo, S. Fins e Arão (Valença). É, no entanto, de duvidar que se trate de verdadeiras cistas da Idade do Bronze pois o autor confunde-as por vezes com sepulturas abertas na rocha e sepulcros.

Cf. *Carta pré e proto-histórica do Distrito de Viana do Castelo*, sep. do *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, I, 1932, pp. 15-24.

(7) Ver nota 3.

(8) José Fortes, *Museu Municipal Azuaga*, in *Portugália*, II, Porto, 1907, pág. 117.

(9) Cf. *Tesouros da Arqueologia Portuguesa*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia, 1980, págs. 3, 4 e 12.

(10) Ver nota 4.

(11) Carta Militar de Portugal 1:25.000 folha 3 e *Repertório toponímico*, Lisboa, S.C.Exército, 1967, pág. 224.

(12) Dos trabalhos se dará conta atempadamente no respectivo relatório.

(13) Já bem demonstrado no nosso artigo *A Arqueologia no Concelho de Monção*, in *Nova Fronteira*, n.º 0, Porto, 1983, pág. 13 e ss.

(14) Cf. Philine Kalb, *op. cit.*, Pág. 114.

ANEXOS

QUADRO I — Tipo de Achados:

LOCAL	Nº de Peças	Pontas de Lança	Planos	Machados			Adagas	Jóias	Outros
				Talão	Alvado				
Carpinteira	5	—	—	5	—	—	—	—	
Viçosa	3	1	—	—	1	—	—	1	
Sª da Graça	1	1	—	—	—	—	—	—	
Catelinha	18	—	—	18	—	—	—	—	
Pias	1	—	—	1	—	—	—	—	
Agrelo	?	—	—	?	—	—	—	—	
Ganfei	24	—	—	24	—	—	—	—	
Boivão	1	—	—	—	1	—	—	—	
Boriz	1	—	1	—	—	—	—	—	
Lovelhe	6	—	—	—	—	1	5	—	
Cerveira	1	—	—	1	—	—	—	—	
V. Mouros	?	—	—	?	—	—	—	—	
Caminha	?	—	—	?	—	—	—	—	
TOTAIS	61	2	1	49	2	1	5	1	
%	100	3,2	1,7	80,3	3,2	1,7	8,2	1,7	

Quadro 2 — Resumo dos achados do Bronze no Alto Minho.

Lugar	LOCALIZAÇÃO		TIPO DE ACHADO	PEÇAS		CRON. PROPOSTA	LOCAL DEPÓSITO	OBS.
	Freguesia	Concelho		Nº	Tipo			
Carpinteira	S. Paio	Melgaço	Esconderijo	5	Machados	Bronze Final	M. S. Reis-M. Belém	
Viçosa	Roussas	Melgaço	Esconderijo?	1	Machado	Bronze Final	Mus. Viana ?	Prox. Castro
				1	P. Lança	Bronze Final		
				1	?	Bronze Final ?		
S.ª Graça	Badim	Monção	Avulso	1	P. Lança	Bronze Final	Particular	Num Castro
Catelinha	Moreira	Monção	Esconderijo	18	Machados	Bronze Final	Particulares	
Lapa	Pias	Monção	Avulso	1	Machado	?	Mus. Belém	Prox. Castro
Agrelo	Cambeses	Monção	Esconderijo	?	?	?		
Gingleta	Ganfei	Valença	Esconderijo	24	Machados	Bronze Final	M. S. Reis-M. Belém	
Furna	Boivão	Valença	Avulso	1	Machado	Bronze Final	Mus. de Belém	Num Castro
Bortiz	Fontoura	Valença	Avulso	1	Machado	Bronze Inicial	Mus. Azuaga	
Brea	Lovelhe	Cerveira	Sepultura	1	Diadema			
				2	Anéis			
				2	Espirais	Bronze Inicial	Mus. de Belém	Cista de planta rectangular
				1	Adaga			
?	?	Cerveira	Avulso	1	Machado	Bronze Final	Mus. M. Sarmento	
?	V. Mouros	Caminha	Esconderijo	?	Machados	Bronze Final	M. S. Reis-M. Sarm.	Prox. Castro
?	?	Caminha	?	1	Machado	Bronze Final	?	Prox. Castro